

(7)

Aula: ambiente de aprendizagem e de trabalho profissional do docente

Em capítulos anteriores o processo de aprendizagem no ensino superior foi discutido de forma que chamasse a atenção para o conceito abrangente que o termo “aprendizagem” comporta atualmente e como se aplica à realidade universitária.

Um dos desdobramentos dessa reflexão afeta diretamente a aula como o ambiente ou espaço em que a aprendizagem acontece.

Acostumados a ver a aula como um horário, um espaço físico e um grupo de alunos a quem se vai ensinar, os docentes terão de rever alguns pontos.

A AULA COMO UM GRUPO DE PESSOAS BUSCANDO OBJETIVOS COMUNS DE APRENDIZAGEM

Além de uma sala enumerada e com um grupo de alunos nela reunidos à espera do professor, a aula se apresenta como uma equipe de pessoas, incluindo alunos e professores, que se encontram para desenvolver um processo de aprendizagem ou consecução dos objetivos educacionais propostos. Um grupo de pessoas cujo objetivo é desenvolver a corresponsabilidade pelo aprendizado, a parceria, um relacionamento de diálogo e respeito entre pessoas adultas. A aula pode ser classificada, também, como um relacionamento que permite a professores e alunos trazer suas experiências, vivências, conhecimentos, interesses e problemas, bem como análises das questões para ser interpretadas e discutidas. As conclusões devem, portanto, ser sistematizadas, organizadas, servindo de encaminhamentos e pistas para ações de profissionais competentes e cidadãos.

A relação entre professor e aluno deixa de ser vertical, de imposição cultural, e passa a ser de construção em conjunto de conhecimentos que se mostram significativos para os participantes do processo, de habilidades humanas e profissionais e de valores éticos, políticos, sociais e transcendentais. A relação será aquela que permite ao professor saia de trás da mesa para se sentar com os alunos, pesquisando e construindo o conhecimento.

É um tipo de relacionamento entre alunos e professores que configura a aula como um encontro entre eles, o qual permita a aprendizagem. Sobressai o grupo, o coletivo trabalhando em direção a objetivos propostos, deixando na sombra o quadro do professor em sua mesa, ensinando alunos posicionados em suas carteiras alinhadas.

A AULA COMPREENDIDA COMO (CON)VIVÊNCIA HUMANA E DE RELAÇÕES PEDAGÓGICAS

Propositalmente, ao grafar a palavra “convivência”, o que se quer é chamar a atenção para dois aspectos: vivência + com.

Vivência significa “vida”, e vida traz consigo uma conotação de “realidade”. Então, quando se fala da aula como “vivência”, quer-se ressaltar a fundamentalidade de seu caráter de integração com a realidade. A aula como espaço que permita, favoreça e estimule a presença, a discussão, o estudo, a pesquisa, o debate e o enfrentamento de tudo que constitui o ser, a existência, as evoluções, as transformações, o dinamismo e a força do mundo, do homem, dos grupos humanos, da sociedade humana, que existem na realidade contextualizada temporal e espacialmente, em um processo histórico em movimento. Essa realidade diz respeito diretamente àqueles que se reúnem em uma aula.

A aula funciona em uma dupla direção: recebe a realidade, trabalha-a cientificamente e volta a ela de outra forma, enriquecida com a ciência e com propostas novas de intervenção.

Quando os alunos vivenciam essa dupla direção e percebem que as aulas lhes permitem voltar à realidade pessoal, social e profissional com “mãos cheias” de dados novos e contribuições significativas, esse espaço começa a ser um ambiente de vida para eles, fazendo sentido frequentar a aula e dela participar.

O aprendiz não faz a tal vivência da realidade isoladamente, mas “com” outros. Com quem?

Com o professor, no papel de mediador da aprendizagem e das relações entre todos os alunos de sua classe, uma vez que os aprendizes são valorizados como sujeitos do processo e suas ações são participativas. O trabalho em equipe busca responder às expectativas e necessidades do grupo, bem como trocar e discutir experiências. Cria-se um clima de segurança e abertura para

críticas e pensamentos divergentes na medida que professor e aluno se comprometam a oferecer informações que demonstrem a consecução dos objetivos ou a necessidade de novas oportunidades a fim de que algo que não tenha sido aprendido possa ser desenvolvido imediatamente e a aprendizagem se efetive.

Com os colegas. Em geral, na prática docente de ensino superior não se encontra tão facilmente essa preocupação ou mentalidade tanto entre professores como entre alunos. Acredita-se que o aluno aprenda com o professor – resquício do modelo tradicional: quem sabe o professor ensine a quem não sabe, o aluno. Mas como entender que aluno — no modelo anterior, alguém que não sabe — possa aprender com outro que não sabe, no modelo anterior, outro aluno?

A preocupação é com os alunos que aprendem. Se remetidos à realidade, constata-se que é possível que uns aprendam com outros porque:

- há maior liberdade de comunicação entre colegas;
- não se tem receio de fazer perguntas “bobas” ou absurdas;
- a explicação vem em um linguajar mais próximo deles;
- há camaradagem e espírito de equipe entre eles.

Se essas atitudes forem incentivadas, existirá um ambiente de aula no qual a convivência entre colegas será um fator altamente favorável à melhora da aprendizagem. O uso de técnicas que integrem o grupo e incentivem a participação será bem-vindo para que as aulas se tornem um ambiente onde se trabalha em conjunto em busca de seus objetivos.

O relacionamento entre os participantes de uma aula também é fundamental. Ao selecionarmos professores para o ensino superior, o domínio em uma área de conhecimento e sua experiência nesse

campo são imprescindíveis. Sim, isso é verdade. Até se exige, atualmente, mestrado e doutorado para a docência. No entanto, algo mais é igualmente importante, e disso nem sempre é dado conta. Trata-se do “algo a mais”, que vai além do domínio do conhecimento e nos marca significativamente para o resto de nossas vidas.

Algumas pesquisas dizem (e pode-se testar) que os professores que marcaram a vida das pessoas, além de ser competentes em suas áreas de conhecimento, foram aqueles que:

- incentivaram a pesquisa;
- abriram a cabeça das pessoas para outros campos, outras ciências, outras visões de mundo;
- ajudaram a ser crítico, criativo, explorador da imaginação;
- manifestaram respeito aos alunos, interesse e preocupação por eles, disponibilidade em atendê-los, resolver-lhes as dúvidas, orientá-los em decisões profissionais;
- demonstraram honestidade intelectual, coerência entre o discurso de aula e sua ação, amizade;
- enfim, aspectos marcantes relacionados à convivência humana em aula.

Por certo não se espera que todos os professores desenvolvam esses comportamentos. Eles foram reunidos com base em uma série de depoimentos de professores, mas servem para indicar aspectos de relacionamentos que se apresentaram como extremamente importantes para obter um bom convívio com alunos em aula.

A AULA COMO ESPAÇO DE RELAÇÕES PEDAGÓGICAS

Como visto até este ponto, a aula é apresentada como ambiente específico de aprendizagem, com possibilidade de colaborar no

surgimento de aprendizes, de se transformar em um encontro apaixonante, desafiador e realizador para as pessoas que nela se encontram e se reúnem: professores e alunos (aprendizes).

Como ambiente de aprendizagem, vislumbram-se algumas modificações no seu formato mais convencional:

O ESPAÇO FÍSICO DA AULA

Em geral ocupado por carteiras enfileiradas, para ser coerente com as ideias expostas, o referido espaço merece uma alteração: carteiras colocadas em círculo permitem que todos se vejam e se olhem ao discutir e debater. Deslocamentos físicos e rearranjos do espaço durante o período de trabalho colaboram para movimentar o corpo e alterar suas posições, trazendo conforto e facilitando a atenção. Aulas em espaços e ambientes alternativos na faculdade ou fora dela podem motivar e interessar os alunos. Os recursos que serão usados em aula devem estar previamente preparados para que seu funcionamento não exija interrupção da aula para sua montagem. O espaço físico e sua organização influenciam no interesse e na participação nas atividades e refletem as propostas de aprendizagem que se tem em vista.

REDEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS DA PRÓPRIA AULA

A aula deixará de ser o tempo e o espaço em que o professor transmite oralmente informações e experiências ao aluno para se tornar o espaço e o tempo em que professores e alunos se encontram para debates e análises do material preparado, estudado, lido, pesquisado e trazido pelos participantes.

O objetivo de uma aula pode variar: desde ajudar os alunos a aprender a ler determinados livros técnicos, até a realização de uma mesa-redonda debatendo os resultados de uma pesquisa realizada por um grupo de alunos, passando por ouvir uma palestra de um

conferencista depois que o tema já foi inicialmente estudado pelo grupo. Ainda: realização de atividades individuais ou em grupos para compreender um assunto, elaborar uma atividade prática, imaginar e planejar o uso do aprendido em situação completamente diferente, debater um vídeo ou um filme, fazer exercícios para desenvolver habilidades de resolver problemas, discutir situações reais que exigem debate sobre valores nelas incluídos para que a decisão não seja meramente técnica, mas comprometida com as melhores condições de vida para aquela parte da população que será afetada por ela, e assim por diante. Percebe-se quanta coisa interessante e diferente é possível ser feita em uma aula.

Aula é o espaço e ambiente para planejar em conjunto o curso a ser realizado, negociar as atividades, discutir interesses; ponto de encontro para leituras, exposições, debates, momentos de sínteses, diálogos e descobertas; tempo para identificação das necessidades, expectativas e interesses dos participantes para traçar objetivos a serem alcançados, definir e realizar um processo de acompanhamento e de *feedback* do processo de aprendizagem.

IMPLANTAÇÃO DE TÉCNICAS PARTICIPATIVAS

Com efeito, a situação mais comum nos cursos universitários é a aula expositiva, tanto em situações de aulas teóricas como em aulas práticas e de laboratório. O uso (e abuso) da técnica da aula expositiva precisa ser repensado: quando usá-la? Para que usá-la? Como usá-la? Como substituí-la por outras técnicas mais eficientes para a aprendizagem? Principalmente, como introduzir novas técnicas no ambiente aula que favoreçam a participação dos alunos?

Se a atitude de relação professor-aluno é a de corresponsabilidade e parceria, a participação é condição básica para que isso aconteça. Há necessidade de o aluno deixar sua passividade e o professor deixar de ser o centro do processo. Ambos precisam

trabalhar e construir juntos. E, para que a participação se desenvolva, requerem-se estratégias que a facilitem.

Então, o uso de técnicas como painel integrado, GOGV, grupos de oposição e debates, seminários, projetos de pesquisa, grupos para formular e responder perguntas, dramatização, visitas a locais de atividades profissionais planejadas com roteiro de observação e relatórios para discussão, estágios, atividades com profissionais, pesquisa bibliográfica e de campo, estudo do meio, *brainstorming* etc. permite o trabalho individual, a colaboração para um trabalho em equipe, a aprendizagem individual e em equipe. Quando? Também nos momentos chamados aula.

Vale a pena acrescentar que a variedade no uso dessas técnicas cria uma motivação especial para a aprendizagem e para o envolvimento dos alunos.

Essa alteração significativa em técnicas de aula supõe conhecimento de um conjunto razoável delas pelo professor, domínio de sua aplicação, adaptações e até mesmo criação de novas técnicas. Além disso, supõe-se que o emprego dessas técnicas seja planejado de acordo com os objetivos da aula e da unidade.

O PROCESSO DE AVALIAÇÃO

Com base na rediscussão do processo de ensino-aprendizagem, outro processo também exige ser modificado e alterado nas aulas para que haja coerência: o processo de avaliação.

Tal processo deixa de ser uma fórmula pela qual o professor apenas atribui uma nota ao aluno e este busca, de todas as formas, essa mesma nota por intermédio de provas. A nota, em geral, é dada ou obtida em função do número de acertos e erros observados na provas, e, como se sabe, quase nada diz da significativa aprendizagem do aluno. A nota não representa o que o aluno aprendeu, mas o que acertou na prova. São duas coisas

completamente diferentes, que até em alguns casos podem coincidir. Infelizmente, não na maioria.

O processo de avaliação precisa ser pensado, planejado e realizado de forma integrada à aprendizagem. Deve acompanhar esse processo de modo contínuo, tanto nos momentos de sucesso como naqueles em que não se conseguiu aprender, assumindo o erro como oportunidade de crescer e aprender (e não castigo ou indicação de menor capacidade do aprendiz). Esse acompanhamento assume a característica de *feedback*, uma retroinformação que provém do professor, dos colegas, do próprio aprendiz e de outros elementos que possam estar participando do processo que cumpre o papel de ajudar o aluno a aprender, bem como motivá-lo a aprender cada vez mais. Por isso mesmo, supera-se o clima de tensão e medo em favor de um ambiente de procura de *feedback* para crescer.

É bom observar: se o processo de avaliação está integrado ao processo de aprendizagem, é coerente que ele esteja subsidiando vários elementos que participam da aprendizagem; o aluno e o professor nos seus desempenhos e o programa ou plano de curso em sua adequação.

O processo de avaliação precisa ser planejado tendo por orientação os objetivos educacionais que se quer alcançar: como professor e alunos saberão se aprenderam aquilo a que se propuseram? Quais atividades e técnicas devem ser organizadas para obter essas informações? Sem dúvida, aqui também o domínio de várias técnicas avaliativas é fundamental, pois, como os objetivos serão de três áreas (conhecimentos, habilidades e atitudes), não é possível que uma única técnica consiga avaliá-los.

Supera-se uma dicotomia bastante tradicional: durante o semestre, ministram-se aulas e em algumas oportunidades aplicam-se provas; sendo a segunda parte mais importante, porque

confere notas, enquanto a primeira é uma obrigação maçante e desnecessária.

Nessa proposta, o importante é o encontro entre professor e aluno para aprender; a avaliação existe para garantir melhores condições de aprendizagem.

OUTROS AMBIENTES DE APRENDIZAGEM — OUTRAS FORMAS DE DAR AULA?

Sala de aula é o espaço onde os sujeitos de um processo de aprendizagem (professores e alunos) se encontram para realizar uma série de ações (na verdade, “interações”) na busca de seu desenvolvimento pessoal, profissional e como cidadão.

Esse conceito de aula universitária faz que ela transcenda o espaço corriqueiro em que se dá: só na universidade, para projetá-la para todo e qualquer ambiente onde quer que possa haver uma aprendizagem significativa, buscando atingir intencionalmente objetivos definidos para a formação universitária.

Assim, tão importantes para a aprendizagem como a sala de aula — onde se ministram aulas teóricas ou práticas na universidade — são os demais locais onde, por exemplo, se realizam as atividades profissionais daquele estudante: empresas, fábricas, escolas, hospitais, postos de saúde, fóruns, escritórios de advocacia e de administração de empresas, de contabilidade, casas de detenção, partidos políticos, sindicatos, canteiros de obras, plantações, hortas, pomares, instituições públicas e particulares, laboratórios de informática, agências de publicidade, jornais, ambulatórios, bibliotecas, centros de informação e pesquisa, congressos, seminários, simpósios nacionais e internacionais, pois em todos eles se pode aprender significativamente o exercício competente e cidadão de uma profissão.

Os ambientes profissionais são “novos espaços de aulas” muito mais motivadores para os alunos e muito mais instigantes para o exercício da docência porque envolvem a realidade profissional do professor e do aluno. São situações mais complexas e desafiadoras que exigem integração de teoria e prática. Cheias de imprevistos, exigem a inter-relação de disciplinas e especialidades, o desenvolvimento de habilidades profissionais, bem como atitudes de ética, política e cidadania.

Ao lado desses novos espaços profissionais de aprendizagem, surgem outros: trata-se dos *espaços ou ambientes virtuais* criados pela informática e pela telemática.

A oportunidade de alunos e professores, pessoalmente e por interesse e motivação própria, poderem entrar em contato imediato com as mais novas e recentes informações, pesquisas e produções científicas do mundo todo, em todas as áreas, bem como a oportunidade de desenvolver a autoaprendizagem e a interaprendizagem pelos microcomputadores das bibliotecas, das residências, dos escritórios, dos locais de trabalho, faz que tais recursos sejam incorporados ao processo de aprendizagem, uma nova forma de se contatar com a realidade ou fazer simulações facilitadoras de aprendizagem.

Internet para pesquisa, e-mails, fóruns, *chats*, grupos ou listas de discussão, portfólios, sites, vídeo e teleconferências são novos ambientes por onde o aprendiz pode navegar para realizar sua aprendizagem. Tais recursos podem criar ambientes virtuais de apoio aos ambientes presenciais ou ser usados em situações de educação totalmente a distância.

Em ambas as propostas, novas atitudes dos alunos serão necessárias, tais como: iniciativa, participação, criticidade para selecionar o que interessa e tem valor, curiosidade para buscar coisas novas, criatividade para aprender a se comunicar de forma diferente.

Novas atitudes deverão ser desenvolvidas também pelo professor, como:

- dar orientação mais constante e não apenas durante as aulas;
- ter disponibilidade para atendimento;
- dominar os recursos da informática e telemática para poder usá-las com os alunos;
- aprender a se comunicar com seus alunos só por escrito, sem tê-los presentes fisicamente;
- saber orientar atividades e trabalhos a distância;
- realizar a mediação pedagógica a distância;
- planejar um curso com atividades a distância.

Tal planejamento exige mais detalhes e precisão. É impossível improvisar nesse ambiente. Com isso, abre-se um novo espaço de aprendizagem para professores e alunos, o qual é muito rico. Mas é preciso dominá-lo para ser usado como recurso, meio, instrumento tanto para as aprendizagens usuais como para as novas. O que não poderá acontecer, sob pena de se perder essa riqueza, é colocar nas ferramentas da informática e da telemática apenas as aulas tradicionais.

Ao fim deste capítulo, tornou-se evidente o quanto o autor valoriza a aula como ambiente de aprendizagem, mas ao mesmo tempo o quanto ele julga necessário sugerir que seja modificada e alterada para que seja efetivamente um ambiente inovador na vida dos participantes de um processo de aprendizagem, um espaço para novas mediações pedagógicas, de possibilidades de encontros, descobertas, rupturas, revisão de valores, aquisição de competências para o exercício de uma profissão com competência e cidadania, enfim, a possibilidade de afirmação de novos começos e continuidade de outros aspectos. O autor defende AULAS VIVAS.